

## QUE DIZ A BÍBLIA SOBRE... OS DENTES?



Dr. João Pimenta, Académico Honorário da Academia Brasileira de Odontologia.



Frei Herculano Alves.

Mais uma vez aqui estamos em diálogo com o biblista Frei Herculano Alves, a fim de esclarecer alguns aspetos curiosos, tanto da ciência da medicina dentária como da Bíblia.

**N**esta entrevista, constatamos que afinal a Bíblia tem a ver com todos os aspetos da vida humana e mesmo... com os dentes! Portanto, atenção, médicos dentistas e leitores de *O JornalDentistry*.

### Frei Herculano: por acaso, a Bíblia também fala de dentes?

– A resposta mais óbvia a esta simples pergunta é a seguinte: A Bíblia fala de tudo o que serve para transmitir uma mensagem religiosa; e, portanto, se fala de dentes, não é apenas porque já havia dentes (!), mas porque este órgão da mastigação – que é comum ao mundo animal – vai ter um uso que nos interessa conhecer, não apenas como cultura geral, mas também como comportamento moral. Aliás o termo “dente” aparece 51 vezes no Antigo Testamento e 13 no Novo (em hebraico, shén; em grego, odous-odontos; daí o termo odontologia).

### E também já havia médicas dentistas?

– Não. A Bíblia não fala de médicas dentistas. Como sabemos, ainda há várias décadas, mesmo os médicos dentistas profissionais serviam apenas para arrancar dentes, e “dentistas” destes houve sempre ao longo da história da humanidade. Se o dente doía, o único remédio era arrancá-lo. Mas esta é uma questão odontológica, não bíblica.

A este propósito, é curiosa a observação do profeta Jeremias, que, para falar da responsabilidade que cada um deve assumir perante Deus e perante a sociedade – e não a dos antepassados – utiliza precisamente a dor de dentes, num provérbio que se usava na altura:

Nesses dias, não mais se dirá: *“Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que ficaram embotados”*. Pois, cada um morrerá por causa do seu próprio pecado e, se alguém comer uvas verdes, esse é que terá a dor de dentes (Jeremias 31,29-30; Ezequiel 18,1 repete o mesmo provérbio).

### Qual era, então, o sentido que tinham os dentes nos textos da Bíblia?

– Aqui já entramos no cerne da questão, isto é, do sentido dos dentes na Bíblia. Tendo em conta que qualquer assunto ou facto histórico era sempre aproveitado pelos autores / catequistas da Bíblia para transmitir uma mensagem religiosa, os dentes também se tornaram meios adequados para tal. E, por sinal, uma grande mensagem, como vamos ver. No entanto, temos que ter sempre em vista os seguintes pressupostos:

**1.** Não podemos esquecer que o ser humano também é um animal “armado” de dentes. E digo “armado”, porque realmente, em casos extremos, os dentes são uma “arma” de ataque. Atualmente, não se usa muito – creio eu – porque temos à disposição outras armas.

**2.** Um segundo pressuposto muito importante, no seguimento do anterior: o sentido e o uso do termo “dentes” na

Bíblia está frequentemente relacionado com os dentes dos animais de caça: leões, lobos, cães, etc.

**3.** Um terceiro pressuposto: os dentes são usados na Bíblia sobretudo em textos poéticos ou de tipologia moral e jurídica, mas sempre com uma finalidade moralizadora e, sobretudo, denunciadora da violência dos “dentes” dos animais “caçadores”.

### E que tem tudo isso a ver com os dentes das pessoas?

– Tem tudo a ver, e aqui está toda a questão que nos ocupa neste diálogo e enfrentamos aqui o espinhoso e complicado tema da violência na Bíblia, que carece de ser tratado a partir de outros ângulos e abordagens. Contudo, aqui cingimo-nos apenas ao tema dos “dentes”, que é um pequeno pormenor do tema da violência.

Os autores que escreveram a Bíblia – certamente inspirados por Deus – estavam muito atentos ao que se passava na sociedade do seu tempo, tal como acontece hoje, a não ser que queiramos ser cegos. Já naquele tempo, havia homens (e mulheres) maus, que cometiam terríveis injustiças, matavam, ofendiam os mais pobres, os que não podiam defender-se dos poderosos. A violência exercida pelos grandes e poderosos sobre os pequenos e débeis era tal que os catequistas da Bíblia comparavam a maldade humana à maldade de um animal que caçava, matava e triturava com os seus dentes a pobre vítima, a fim de a comer. Os maus eram, assim, comparados a uma fera que tinha nos seus dentes uma terrível arma de morte.

Em termos gerais, o tirano era mesmo apresentado com traços e características animais horripilantes (ver, por exemplo, Daniel 7,1-8). Por seu lado, o homem bom era caracterizado como pastor ou como cordeiro. Haja em vista o Cordeiro do Apocalipse, que representa Cristo ressuscitado, depois de morto pelos violentos. O bom pastor, pelo contrário, é apresentado com o bastão, precisamente para vencer os animais ferozes que atacavam o rebanho para o comer (Ezequiel 34,11-16; João 10,1-21).

É sempre a linguagem poética que retrata os maus e os bons. Assim, os maus são comparados a leões, lobos, cães ferozes... Estes espreitam, espiam o justo para o matar e devorar. É a lei da caça e da guerra a funcionar (Sl 10,8-10; 17,2; 59,15-16). De facto, nesses tempos recuados, caçadores e soldados utilizavam, praticamente, as mesmas armas: a seta, a lança, a funda, a espada. A guerra é uma caça a outro homem para o vencer; e a caça é uma guerra ao animal, para o comer (Sl 10,8-10; 17,2; 59,15-16). O resultado é semelhante. Assim, em Deuterónimo 32,24, um dos castigos de Deus que Moisés alvitra contra o seu povo ingrato é: *Mandarei contra eles o dente das feras*.

Ora, os salmistas e os profetas fazem a transposição destas duas realidades comuns para a questão social, isto é, para a diferença gritante entre o poder do forte e a debilidade do pobre, do pequeno. Aqui está toda a questão dos

dentes: os grandes e poderosos são comparados a feras com dentes muito fortes e bem afiados que caçam, esmagam, e comem as vítimas inocentes e indefesas. Trata-se, portanto, de uma questão social e religiosa ao mesmo tempo, já que, na Bíblia, estas duas realidades não podem separar-se quando se fala de seres humanos.

### Comparar um ser humano com uma fera não é uma imagem demasiado violenta?

– De modo algum. Vejamos, antes de responder à sua questão, um outro pressuposto, que nos ajuda a compreender este uso metafórico dos dentes: o homem bíblico era profundamente religioso e tinha de Deus uma imagem muito clara: Ele era, antes de mais, o “Deus justo”. Não podemos prescindir desta ideia que o povo tinha de Deus, para compreendermos a questão dos dentes. Ora, se Deus é o justo, por excelência (em hebraico, *tsédeq*), Ele não pode permitir que haja injustiças na humanidade, que Ele próprio criou e à qual deu leis justas no Monte Sinai (Êxodo 20–31,18). As suas criaturas devem viver de acordo com o seu Criador, o *Justo*.

Além disso, havia um outro pressuposto muito importante: só muito tarde, no Antigo Testamento, foi revelada a ideia de uma recompensa divina depois da morte. Portanto, a justiça só podia ser feita durante esta vida, ou então, não havia justiça nenhuma, e Deus não agia como “Justo juiz” de todos os malfetores da humanidade.

Portanto, seguindo essa mentalidade, Deus “devia” fazer justiça. E fazer justiça não é, em Deus, uma vingança como as nossas, tantas vezes. É repor a justiça, a verdade, nas relações humanas. Ele deve fazer justiça sobretudo ao pobre, que é “comido” pelas “feras” que têm o poder. Portanto, deve dar um castigo proporcional ao mal que “os dentes” das feras humanas fazem aos mais pequenos. E dizer “pequeno” é também dizer o pequeno povo do antigo Israel, tantas vezes “comido” pelos grandes impérios que o rodeavam. Sobre o assunto, assim diz o profeta Joel em 1,6:

*O meu país foi invadido por uma multidão forte e inumerável, os seus dentes são como dentes de leão, e as mandíbulas, como de leoa.*

Por isso, “vingar” é fazer a *justiça equitativa* que se pratica nos nossos tribunais hoje: para determinado crime, a respetiva pena prescrita na lei. Este tipo de justiça foi um grande progresso, uma lei internacional, nos povos do Médio Oriente Antigo, por volta de 1000 anos antes de Cristo. A lei anterior era a *lei da selva*, isto é, a *lei do mais forte*. O problema é que os grandes continuaram a seguir a lei da selva que convinha melhor aos seus interesses egoístas. Pior ainda para os pobres: os ricos estavam aliados entre si, para enriquecerem ainda mais, à custa dos pobres (onde é que já ouvimos isto?).

Por vezes, os inimigos, assim unidos, são tantos e tão fortes, que são comparados a uma manada de touros bravos ao ataque. Repare-se no vocabulário da violência, onde os dentes estão implicitamente presentes:

*Rodeiam-me touros em manada; cercam-me touros ferozes de Basan. Abrem contra mim as suas fauces, como leão que despedaça e ruga (...).*

*Estou rodeado por matilhas de cães, envolvido por um bando de malfetores (Sl 22,13-14.17).*

Outra espécie de inimigos políticos do povo da Bíblia é descrita também com a imagem dos dentes e com uma força brutal:

*Quando contemplava estas visões noturnas, divisei um quarto animal, horroroso, aterrador, e de uma força excepcional. Tinha enormes dentes de ferro; devorava, depois fazia em pedaços e o resto calcava-o aos pés. Era diferente dos animais anteriores, pois tinha dez chifres (Daniel 7,7).*

*Quis, então, conhecer exatamente o que se referia ao quarto animal, diferente dos outros, excessivamente aterrador, cujos dentes eram de ferro e as garras de bronze que devorava, depois desfazia em pedaços e o que restava calcava-o aos pés (Daniel 7,19).*

### Que relação existe entre a justiça equitativa e os dentes?

– Para responder à sua questão sobre os dentes, no que se refere à justiça equitativa, veja-se uma das formulações das leis da justiça, onde os dentes, pela sua importância física, desempenham um papel importante:

*Se houver acidente fatal, darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, contusão por contusão. E quando um homem ferir a vista do seu escravo ou a vista da sua escrava, e a destruir, deixá-lo-á partir em liberdade pela sua vista. E se fizer cair um dente do seu escravo ou um dente da sua serva, deixá-lo-á partir em liberdade, pelo seu dente (Êxodo 21,24-27; mesma lei em Levítico 24,20; Deuteronomio 19,21).*

Como a lei da justiça equitativa não era cumprida pelos grandes da sociedade, daí o pedido veemente dos pequenos – vítimas do poder dos grandes – dirigido a Deus pelo cumprimento dessa lei, contra os que ainda praticavam a *lei da selva*, a lei do mais forte. Quem não entender isto, fica muito escandalizado com certas frases da Bíblia. É o caso das que se encontram nos textos que se seguem; elas mostram um sentido agudo da justiça de Deus e retratam bem o sofrimento dos pequenos e a crueldade dos grandes. Assim fala, por exemplo, o autor do Salmo 94:

1 *Ó Senhor, Deus vingador, ó Deus vingador, manifesta-te!*  
2 *Levanta-te, ó juiz da Terra, dá aos soberbos o castigo que merecem.*  
3 *Até quando é que os ímpios, Senhor, até quando é que os ímpios triunfarão?*  
4 *Estão cheios de palavras insolentes, todos os malfetores se vangloriam da iniquidade!*  
5 *Esmagam o teu povo, Senhor, e espezinham a tua herança.*  
6 *Matam a viúva e o estrangeiro e assassinam os órfãos.*  
7 *Eles dizem: “O Senhor não vê, o Deus de Jacob não dá por isso!” (Salmo 94,1-7).*

Penso que deveríamos, ainda hoje, rezar muitas vezes este salmo. Quem se escandaliza com estas expressões de desespero do pobre, dirigidas ao próprio Deus, ou é cego ou hipócrita, já que a sociedade tem aqui, ainda hoje, algumas características, embora algo disfarçadas. Como explicar este desejo de “vingança” divina? Não se trata da nossa pequena ou grande vingança, mas de uma questão fundamental, que é a de repor a justiça, que o pequeno reclama do próprio Deus. Como da sociedade já não espera essa justiça, o pobre só tem uma saída, o “recurso ao tribunal Supremo”, ao próprio Deus.

Numa sociedade corrupta, em que os grandes trituravam com os seus “dentes” mesmo os parques haveres do pobre, só Deus tinha poder para o defender. Ele era a sua única espe-

rança de defesa, o único que podia e “devia” fazer justiça ao pobre, ao pequeno. Mais ninguém. Daí o pedido de socorro, sentido e urgente ao “Deus das vinganças”, isto é, da justiça, contra as “feras” da sociedade, cujos “dentes” trituravam as suas vítimas.

Portanto, de modo algum, Deus aparece como vingativo, violento. Ele encontra-se precisamente no polo oposto, como pastor que defende a ovelhinha indefesa da violência, da boca dos lobos poderosos da sociedade de então (e de hoje).

### Há muitos textos bíblicos que falam de dentes?

– Há vários salmos e outros textos bíblicos. O que dissemos até ao momento era necessário para compreender o uso metafórico da “arma” dos dentes dos animais de caça, aplicada aos humanos. É importante salientar que, nestes textos, não estão em causa os animais irracionais. Estes não têm culpa porque matam simplesmente para sobreviver. Estão em causa, sim, os seres humanos, que, sendo inteligentes, tantas vezes “matam” por maldade e arranjam maneiras mais sofisticadas para “caçar” e triturar, com os “dentes” da sua força política, económica ou militar, os mais débeis e pequenos. Sem escutar a voz da consciência moral, que os acusa de injustiça, ainda cometem mais injustiças e mais graves do que os próprios animais irracionais.

Vejamos, pois, alguns exemplos em que os chamados *ímpios* – os não piedosos – que, desprezando as leis justas dadas por Deus, “caçam” o justo com os “dentes” do seu poder e domínio.

**Salmo 3,8:** É tanta a ferocidade do ímpio malvado que o salmista pede a Deus que lhe destrua a arma do crime:  
*Levanta-te, Senhor! Salva-me, ó meu Deus!... Quebra os dentes dos ímpios.*

**Salmo 35,16-17:** Este salmo é típico em armas de ataque do ímpio contra o justo. Sobre os dentes diz:  
*Rodeavam-me e escarneciam; rangiam os dentes contra mim. Senhor, até quando contemplarás tudo isto? Livra-me das feras; resgata a minha vida das garras desses leões.*

**Salmo 57,5:** O salmista utiliza a imagem dos dentes como uma das armas da caça e na guerra:  
*Encontro-me rodeado de leões, dispostos a devorar os seres humanos; os seus dentes são como lanças e flechas, e a sua língua, como uma espada afiada.*

**Salmo 58,7.** Mais uma vez, perante tanta maldade dos agressores do justo, este pede ao Senhor que lhes destrua as armas de ataque.  
*Ó Deus, quebra-lhes os dentes! Arranca, Senhor, os queixais a esses leões!*

**Salmo 37,12-13:** A maldade dos ímpios é tal que os seus dentes são o sinal do seu ódio contra o justo:  
*Os ímpios conspiram contra o justo e rangem os dentes contra ele. Mas o Senhor ri-se deles, pois sabe que os seus dias estão contados.*

Este ranger de dentes está também presente no Salmo 112,10:  
*Ao ver isto [as virtudes do justo], o ímpio enfurece-se, range os dentes e desfalece; os desejos dos ímpios fracassam.*

**Salmo 124,6-8.** Aqui, o salmista louva o Senhor por o ter livrado dos dentes, num vocabulário de caça:

# CRÓNICA

*Bendito seja o Senhor,  
que não nos entregou como presa nos seus dentes!  
A nossa vida escapou como um pássaro do laço de caçadores;  
rompeu-se o laço e nós libertámo-nos.  
O nosso auxílio está no nome do Senhor, que fez o céu e a terra.*

**Job** 29,17. Job recorda os dias felizes em que defendia os pobres dos mais poderosos, com palavras que nos fazem lembrar a presa na boca do animal de caça, que, afinal é um ser humano:

[Eu] quebrava os queixos dos malvados e arrancava-lhes a presa dos seus dentes (Job 29,17).

**Provérbios** 30,14: O autor sagrado lamenta uma geração que se compraz nas injustiças contra os mais débeis da sociedade. Todo o vocabulário pertence ao campo semântico da caça e da guerra: *Ai da geração cujos dentes são espadas e os maxilares são facas, para devorar os fracos da terra e os pobres dentre os homens!*

**Sabedoria** 16,10. Este texto manifesta que só o Senhor pode livrar-nos de toda a espécie de “dentes”, ao referir-se às dificuldades da travessia do deserto:

*Mas, quanto aos teus filhos,  
nem sequer os dentes das serpentes venenosas os puderam vencer,  
porque interveio a tua misericórdia e os salvou.*

**Ben Sira** 21,2. Este texto de sabedoria aconselha a fugir do pecado como do perigo dos dentes do animal caçador:

*Foge do pecado como se foge de uma serpente,  
porque, se te aproximas, ela te morderá.  
Os seus dentes são dentes de leão, que tiram a vida aos homens.*

**Miqueias** 3,2-3. Este texto mostra os efeitos de uma caçada organizada contra o povo da Bíblia. O vocabulário manifesta os efeitos da ação dos dentes “caçadores”:

*Aborrecem o bem e amam o mal,  
arrancam-lhes a pele e a carne dos ossos.  
Devoraram a carne do meu povo,  
arrancaram-lhe a pele e roeram-lhe os ossos,  
fizeram-no em pedaços...*

Em conclusão: Quem diz que o Deus da Bíblia é violento não entendeu nada do tema que estamos a tratar, porque, simplesmente, não tem conhecimentos históricos e hermenêuticos suficientes para ler esses textos. Ler uma frase da Bíblia deslocada do seu contexto é um perigo, como o fazem algumas seitas que andam pelas portas “a ensinar a Bíblia”. Os leitores daquele tempo apresentaram Deus com uma linguagem humana, não de violência, mas de justiça, o que é totalmente diferente. Tal justiça divina pretendia destruir, não as pessoas, mas a violência dos homens e mulheres violentos, cujos “dentes” esmagavam, esmagam, matam a vida feliz de tantos inocentes, ainda hoje.

Numa palavra: Deus não é violento. O ser humano é que é violento, e a ação de Deus, no indivíduo e na sociedade, pretende precisamente destruir a violência dos violentos para que a sociedade seja mais pacífica e justa.

**Estive a ouvir com todo o interesse estes textos e, afinal, os dentes, levaram-nos muito longe...**

– Estes pequenos órgãos da boca levam-nos longe, pelo seu significado simbólico, e este significado atinge, de facto, o mais profundo, tanto da pessoa, individualmente considerada, como da própria sociedade em que vivemos. Não pensemos que os “dentes bestiais” só devoraram a carne do pobre no passado, no tempo da Bíblia. Uma atitude destas seria irresponsável e grave. Hoje, temos que estar atentos

aos novos “animais ferozes”, que continuam a comer a carne dos pobres, dos mais débeis da sociedade.

Cada época da história tem os seus “animais ferozes” com os “dentes” mais ou menos duros e pontiagudos, com cores e tamanhos diferentes e sobretudo com modos de atuar diferentes, mas sempre muito perigosos.

Basta estarmos atentos às notícias desta sociedade, qualificada de “democrática”, “socialista”, “progressista”, etc. Alguns políticos enchem a boca com estes e outros qualificativos da sociedade atual, como se tudo fosse um mar de rosas. Para eles, talvez. As notícias das televisões falam, aos quatro ventos, de “desvios” de milhões que voam dos bancos para outras paragens. Seria bom que tais notícias fossem “fake news”.

Não será isto um modo atual, uma atualização, de “esmagar com os dentes”, danificar a vida, não apenas de uma, mas de milhões de pessoas, a vida de tantos pequenos e médios contribuintes? Estes, sim, são obrigados, pelas leis vigentes, a pagar, com seus impostos, a fatura dos bancos falidos. É, mais uma vez, o pobre a ser “mastigado” pelos dentes dos ricos e poderosos. Com tanta democracia (termo grego que significa poder, governo do povo), que poder tem o Zé povinho em tudo isto?

Tal como no tempo da Bíblia, há uma mesma lei (olho por olho, dente por dente), lei que o rico menospreza e que o pobre tem que cumprir, porque não tem dinheiro para pagar a grandes advogados, que procuram nas muitas leis um ou outro buraco (aí deixado pelo “esquecimento” do legislador), a fim de arrastar os processos até que os crimes “prescrevam”.

Tem graça: para quem “desviou” milhões, a dívida prescreve, mas para quem “roubou” umas laranjas, não há dívida que prescreva porque tem de pagar imediatamente. Essa lei da “prescrição” parece ter sido feita a favor dos ricos e poderosos, mesmo nas sociedades democráticas. Já assim acontecia no tempo da Bíblia. É pena que as coisas tenham mudado tão pouco! As estatísticas atuais mostram claramente que, cada ano que passa, o número de pobres aumenta na proporção do aumento da fortuna dos mais ricos. Este facto, universalmente conhecido, manifesta que, tal como no tempo da Bíblia, as autoridades dos Estados continuam a ser profundamente injustas para com os mais pobres, os que estão longe do poder do dinheiro e do dinheiro do poder.

E, depois, ainda vêm dizer que o Deus do Antigo Testamento é violento, um Deus mau, que castiga e outras fantasias que apenas denotam a ignorância de quem leu apenas umas frases da Bíblia sem saber o que significam e que carecem de uma adequada hermenêutica e exegese histórico-crítica.

**E Jesus não veio dizer nada sobre o assunto dos dentes?**

– Esta é uma pergunta que já esperava, porque é fundamental para o assunto simbólico dos dentes. Assim, no Evangelho de Mateus, Jesus traz a solução final, definitiva, para uma sociedade fraterna, de um socialismo cristão, e não apenas de nome. Ouçamos as palavras de Jesus, que põe fim à lei do “Olho por olho e dente por dente”:

*Ouvistes o que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, digo-vos: Não oponhais resistência ao mau. Mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém quiser litigar contigo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa. E se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, caminha com ele duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas a quem te pedir emprestado (Mateus 5,38-42).*

Estas palavras de Jesus podem escandalizar, devido à visão radicalmente oposta à lei dos dentes das feras que comem os mais pobres. Reparemos que, segundo Jesus, a lei da justiça equitativa de que falávamos acima, a lei do dente por dente, já não serve para construir uma sociedade feliz. Por isso, Ele veio trazer uma lei mais perfeita, a lei do perdão e a lei do amor ao outro, seja pobre, seja rico porque o rico, apesar de ter muitos bens materiais, pode ser miserável noutras classes de valores. Chegámos, portanto, à terceira e definitiva lei das relações humanas, depois de termos constatado a lei da selva e a lei do dente por dente, também chamada lei do talião.

Enquanto o marxismo veio incendiar a guerra do pobre contra o rico, Jesus já tinha dito há muitos séculos, que essa lei estava errada. Só a lei do amor e do diálogo do pobre com o rico e do rico com o pobre pode vencer verdadeiramente o rico, por dentro, criando uma cultura de diálogo fraterno (não apenas político) e não de guerra permanente; porque se não o vencer por dentro, pelo coração, o rico, mais tarde ou mais cedo, irá “mostrar os dentes”, vingá-lo, voltando à lei do dente por dente. O mundo encontra-se exatamente nesta situação.

O marxismo caiu e surgiram das suas cinzas regimes autoritários, plutocráticos, ditatoriais, ainda mais injustos. Os cristãos, esses, mal sabem ler o Evangelho para o mostrar à sociedade, como o melhor código de conduta em todos os domínios das relações humanas.

A lei do dente por dente tem ainda nas suas entrelinhas a famosa “vingança selvática”. E vingança gera vingança. E, entrando no círculo diabólico das vinganças, estamos sujeitos a continuar, não apenas na lei de dente por dente, mas a recuar mesmo para a lei da selva que acima também referimos como lei mais animalésca do que humana (“se me fazes uma, faço-te duas”).

Portanto, o verdadeiro humanismo, o humanismo cristão, é o que se encontra na lei que Jesus enuncia nas palavras acima citadas. Se cumpríssemos, ao menos 50% dessa nova lei, a sociedade seria feliz, todas as guerras e guerrilhas acabariam. Numa palavra, teríamos uma sociedade fraterna, cooperadora, onde a lei do amor ao outro estaria acima da lei de todos os egoísmos. Seria já uma antecipação do paraíso na terra. O Evangelho não é um “livro de sacristia” como, por vezes, se ouve dizer. Deveria ser mesmo o manual dos políticos para construir uma sociedade mais justa e feliz.

Não seguindo esta nova lei da justiça, teimamos em infernizar a nossa vida e a dos outros, continuando a mostrar, uns aos outros, os perigosos “dentes”, como fazem os cães ferozes contra um eventual inimigo (perdoem a comparação). Com a nova lei do Evangelho, todos os dentes da caça e da guerra deveriam ser quebrados e deitados ao caixote do lixo para serem queimados uma vez por todas. Só na vivência desta lei se construirá um mundo novo. De outro modo, continuará a “guerra dos dentes”.

Com estas breves palavras, pensamos ter elucidado minimamente os leitores sobre o grande alcance que têm os dentes, no seu sentido simbólico, metafórico e poético, como uma das armas de que se servem os mais fortes deste mundo; mas com a nova lei de Jesus, os dentes devem ser utilizados apenas na sua função física, e moderadamente, a fim de deixar uma parte do alimento para os milhões de famintos que, afinal, vivem na nossa “Casa comum”, aí ao nosso lado (porque outros dentes lhes comem o sustento), ainda em pleno século XXI. ■

Frei Herculano Alves, OFMCap.